

CORREIO ECONÔMICO

POR
MARTHA IMENES

Marcello Casal Jr/Agência Brasil

*Quando a Selic cai a tendência é baratear o crédito*

Mercado reduz para 4,05% expectativas da inflação

O mercado financeiro reviu para baixo as expectativas de inflação para o ano de 2026. De acordo com o Boletim Focus, divulgado pelo Banco Central (BC), o ano fechará com o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 4,05%. Na semana passada, este índice, que serve de referência para a inflação oficial do país, estava em 4,06%. E há quatro semanas em 4,10%. Para os anos subsequentes (2027 e 2028) as projeções são as mesmas há dez semanas, em 3,80% e 3,50%, respectivamente.

Definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), a meta de inflação para 2025 é 3%, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo. Ou seja, o limite inferior é 1,5%, e o superior, 4,5%.

IPCA de 2025 ficou em 4,26%

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), a inflação medida em dezembro teve alta de 0,33%, ante ao 0,18% registrado no mês anterior. Com isso, o IPCA de 2025 ficou em 4,26%, dentro da meta do governo. Segundo o IBGE, com exceção do grupo habitação, que registrou queda de 0,33%, os demais grupos de produtos e serviços pesquisados tiveram alta em dezembro.

Tomaz Silva/ Agência Brasil

*Setor de transportes apresentou maior impacto no índice*

Maior variação foi em transportes

A maior variação (0,74%) e o maior impacto (0,15 p.p.) vieram dos transportes, seguido, em termos de impacto, por saúde e cuidados pessoais, com alta de 0,52% e 0,07 p.p. Os demais índices do Boletim Focus divulgado se mantiveram estáveis em relação às semanas anteriores. No caso do Produto Interno Bruto (PIB, a soma de todos os bens e serviços produzidos no Brasil), o mercado projeta que a economia do país crescerá 1,80% em 2026 – percentual que vem sendo projetado há cinco semanas consecutivas, e o mesmo projetado para 2027.

PIB pode fechar o ano em alta de 2%

Para 2028, as expectativas são de que o PIB feche o ano com um crescimento de 2%. Com relação ao câmbio, as projeções do mercado permanecem estáveis há 13 semanas consecutivas, com uma expectativa de que o dólar feche 2026 cotado a R\$ 5,50 – o mesmo valor projetado para 2027. Para 2028, as expectativas são de que a moeda estadunidense termine o ano cotada a R\$ 5,52.

Selic vai cair?

A taxa básica de juros (Selic) deverá ser reduzida de 15% para 12,25% até o final de 2026, segundo o mercado financeiro; e para 10,50% em 2027. Para o ano seguinte (2028), as expectativas são de que ela caia para 9,88%. A Selic, atualmente, está em seu maior nível desde julho de 2006 (15,25%).

Altas seguidas

Após chegar a 10,5% ao ano em maio do ano passado, a taxa começou a ser elevada em setembro de 2024. A Selic chegou a 15% ao ano na reunião de junho, sendo mantida nesse nível desde então. Quando o Copom aumenta a Selic, a finalidade é conter a demanda aquecida e isso causa reflexos nos preços.

Crédito mais caro

Juros mais altos encarecem o crédito e estimulam a poupança. Assim, taxas mais altas também podem dificultar a expansão da economia. Quando a taxa Selic é reduzida, a tendência é que o crédito fique mais barato, com incentivo à produção e ao consumo, reduzindo o controle sobre a inflação.

Expectativa

“A alta de 0,33% veio levemente abaixo das nossas expectativas de 0,35% e a surpresa levemente benigna veio do grupo de alimentos, que teve uma alta menor do que aquilo que a gente esperava para esse número. O IPCA de 2025, como um todo, terminou o ano abaixo do teto da meta (4,5%), em 4,26%”, avalia o economista do Daycoval, Julio Barros.

Alimentação

O economista avalia que a alimentação e os bens industriais foram os principais vetores da desinflação que ocorreu, surpreendendo inclusive o que se esperava para esses números desde o início do ano. Parte desse resultado está relacionado ao comportamento das commodities e do câmbio.

Serviços

“Quando olhamos para o grupo de serviços, por outro lado, no mês de dezembro terminou com alta expressiva. Normalmente isso acontece no final do ano por conta de questões sazonais, como por exemplo o próprio aumento das passagens aéreas com férias de final de ano”, finaliza o economista.

*Anuário: 53% dos acidentes de trabalho ocorreram com negros*

Acidente impacta mais a população preta e parda

De 2014 a 2024, houve aumento de 10,6% de registros, diz o MPS

Da redação

O Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho (AEAT) 2024 revelou que 53% dos registros de acidentes do trabalho daquele ano - 417,6 mil dentre 787,4 mil acidentes com informação sobre raça/cor do acidentado - impactaram a população negra no Brasil. O documento foi lançado no mês de dezembro de 2025 pelo Ministério da Previdência Social e traz publicações de tabelas que mostram os acidentes de trabalho segmentados por raça/cor e por nível de escolaridade do acidentado.

Entre os brancos, foram registrados 360.907 acidentes (45,8%); pardos, 347.053 (44%); pretos, 70.508 (9%); amarelos, 6.501 (0,7%); e indígenas, 2.393 (0,2%), além de 46.686 acidentes cuja informação de raça/cor do acidentado não constava no cadastro, totalizando 834.048 acidentes ocorridos no ano. O relatório mostrou ainda um crescimento de quase 16% no registro de acidentes entre pretos e pardos, em comparação aos números de 2023. Entre os brancos, o aumento foi de 9,7%.

Nos números gerais, em uma comparação de dez anos - de 2014 a 2024 - foi registrado um aumento de 10,6% na quantidade total de acidentes de trabalho. “O crescimento nos registros segue o mesmo ritmo que vem sendo observado a partir de 2021”, afirma o coordenador-geral de Estatísticas e Estudos Previdenciários, Alexandre Zioli. Ele es-

clarece que “o número de acidentes não está crescendo apenas porque aumentou o número de pessoas no mercado de trabalho, há um crescimento real de ocorrências e que afetou 16,9 trabalhadores a cada grupo de 1.000”.

Os acidentes de trajeto, aqueles que ocorrem durante o percurso feito pelo trabalhador entre sua residência e seu local de trabalho, são os que mais têm crescido em termos relativos. Em comparação a 2023, o aumento foi de 17,8%. Mas, se comparado a 2022, o crescimento foi de 45,3%, passando de 124.829 para 181.335 registros.

Em 2024, a atividade de atendimento hospitalar foi, mais uma vez, a que registrou a maior quantidade de acidentes de trabalho: 70.874. Em seguida, Comércio varejista de mercadorias em geral, com 35.324 registros. E, em terceiro, Transporte rodoviário de cargas, com 24.931.

“A maioria dos acidentes resulta em afastamentos de menos de 15 dias. Ou seja, um afastamento que sequer gera um benefício previdenciário”, explica Alexandre Zioli.

Em 2024, 193 mil acidentes geraram apenas assistência médica, em que o trabalhador volta às suas atividades no dia seguinte ao acidente, e 557 mil geraram um afastamento por menos de 15 dias, que representam juntos 88,1% do total.

Nos casos de acidentes mais graves, 9.315 tiveram como consequência uma invalidez permanente, e 3.394 levaram o trabalhador a óbito.